

Ana Maria de Jesus Ribeiro: uma guerrilheira brasileira nas mãos da retórica patriótico-patriarcal italiana

Ana María de Jesús Ribeiro: una guerrillera brasileña en las manos de la retórica patriótico-patriarcal italiana

Ana Maria de Jesus Ribeiro: a brazilian guerrilla in the hands of the italian patriotic and patriarchal rhetoric

Silvio Cosco

Resumo: Anita Garibaldi foi uma das mulheres que participaram ativamente do Risorgimento italiano, celebrada pela retórica patriótica e patriarcal. Neste sentido, ela é uma figura que precisa ser recuperada, sobretudo, na Itália. Mediante tal pressuposto, e com base em fontes bibliográficas e documentais, neste artigo intencionou-se estimular discussões que problematizem o fato de Anita ser considerada uma personagem lendária ao invés de uma mulher que teve papel histórico fundamental no Brasil, sua pátria.

Palavras-chave: Anita, Garibaldi, guerrilheira, retórica, pátria.

Resumen: Anita Garibaldi fue una de las mujeres que participaron activamente en el Risorgimento italiano, famoso por la retórica patriótica y patriarcal. En este sentido, es una figura que necesita ser recuperada, especialmente en Italia. En tal hipótesis, y con base en fuentes bibliográficas y documentales, este artículo pretende estimular discusiones que problematicen el hecho de Anita ser considerada un personaje legendario en vez de una mujer que tenía un papel histórico decisivo en Brasil, su patria.

Palabras clave: Anita, Garibaldi, guerrilla, retórica, patria.

Abstract: Anita Garibaldi, who actively participated in the Italian Risorgimento Movement (Rising Again), is celebrated in its patriotic and patriarchal rhetoric. In this regard, she is a historical figure whose importance needs to be recovered especially in Italy. Therefore, grounded on bibliographical and documental sources, this paper encourages discussions to problematize the fact that Anita Garibaldi has been considered a legendary character rather than a real woman who had played a major role in the history of Brazil, her homeland.

Keywords: Anita, Garibaldi, guerrilla, rhetoric, homeland.

Silvio Cosco é membro do Grupo de Investigação “Escritoras e Escrituras” da Universidade de Sevilla/Espanha. Graduado em Literatura, Música e Espectáculo, com Especialização em Editoria e Escritura (Universidade “Sapienza” de Roma). Doutor pela Universidade de Sevilla com ênfase em estudos de gênero, história das mulheres, estereótipos femininos nas diferentes artes. **E-mail:** silviocosco@libero.it

INTRODUÇÃO

O envolvimento das mulheres no “Risorgimento Italiano”, o processo de unificação política concluído em 1861 com a proclamação do Reino de Itália, realizou-se em várias frentes. Muitas vezes, a participação das mulheres no debate cultural e na formação das redes conspirativas, que constituíam o processo unificador, ocorreu dentro de casas, jardins, salões e, até, em mosteiros (no caso das conspirações) (GUIDI, 2000, p. 579). Elas fizeram isso no século XIX, o qual lhes entregou o título ingrato de “rainhas do espaço doméstico”. Contudo, esta grande participação das mulheres (jornalistas, enfermeiras, financiadoras etc.), nas diversas fases do “Risorgimento”, nos dá a imagem de um século de mulheres livres, pelo menos no caráter e na inspiração, e verdadeiramente apaixonadas pela ideologia que apoiavam e pela qual, muitas vezes, sacrificaram as vidas. São as mulheres que organizam os hospitais, cuidam de feridos, contribuem à construção de prisões mais humanas e de escolas para educar outras mulheres. Desde as “jardineiras” (pelos jardins das casas onde realizavam reuniões conspirativas), escritoras e poetisas esquecidas, que deram alento com seus versos patrióticos às/aos combatentes, até às mulheres que lutaram com armas na vanguarda do exército - Anita Garibaldi, Giuseppa Bolognara (Barcellona Pozzo di Gotto, 1826-1884), Luisa Battistotti (Stradella, 26 febbraio, 1824 – São Francisco, 1876), Colomba Antonietti (Bastia Umbra, 1826 – Roma, 1849) – e muitas outras patriotas italianas que combateram na metade do século XIX pela unificação política da península itálica¹.

¹ Veja-se, por exemplo, ROCCELLA, E., SCARAFFIA, L., *Italiane*, Roma, Dipartimento per l'informazione e l'editoria, 2004.

Todas estas figuras estão agora passando por uma recuperação por meio dos estudos históricos e de gênero. Sim, porque a história,

seguidamente, quis esquecer essas mulheres ou celebrou-as num modo “patriótico patriarcal”². Realizada a vitória, o novo equilíbrio pareceu o velho; na memória patriótica da Itália unificada, as mulheres armadas “tornaram-se figuras de um tempo heróico e mítico, distante e excepcional”³ (GUIDI, 2000, p. 581). A retórica histórico-literária procurou assimilar essas figuras históricas valentes em modelos tranquilizadores ou de acordo com os cânones da feminilidade ditados pelo patriarcado⁴. Essa história masculina não conseguiu amortecer totalmente o impacto que todas essas heroínas gloriosas tiveram sobre os leitores, nem impedir, agora, que essas vidas possam ser lidas e recontadas, de outra forma, para destruir o aparato retórico do patriarcado e aquela falsa celebração. Os patriotas do “Risorgimento”, apenas em alguns casos, fizeram própria a causa da emancipação feminista: Pisacane, Garibaldi, Salvatore Morelli. Não obstante, mais frequentemente, limitaram-se a aceitar as mulheres como valiosas aliadas, e depois adiaram sem nova data o reconhecimento dos direitos mais simples.

² É uma expressão própria do autor para definir o dispositivo retórico, história literária que, por um lado, comemorou falsamente as patriotas italianas fechadas em modelos tranquilizantes de esposa e mãe; por outro lado, demonizou as mulheres que participaram da rebelião (1861-1870 aprox.) contra o novo estado unitário, considerando-as monstros, em muitos casos. A mãe patriota ou demônio rebelde foi o destino das mulheres dessa época. Veja-se COSCO, Silvio:

Las patriotas italianas. Cómo el sistema patriótico-patriarcal olvidó a sus heroínas (2013, p. 295-309); *Femminismo e brigantaggio: lo sguardo differente di Maria Rosa Cutrufelli* (2012). Disponível em: <http://www.escritorasyescrituras.com/revista.php/12/149?PHPSESSID=14b7592a88cce963f7cefab3b241af50>; *Il brigantaggio e la religiosità: culto mariano e sacerdozio femminile all'interno delle bande* (2012, p. 419-434).

³ As traduções são todas do autor.

⁴ O autor acredita que as mesmas fontes patriarcais, os livros sobre as patriotas e, no caso de Anita, a biografia de Garibaldi, podem ser analisadas, agora, com outros olhos: conscientes de que a feminilidade, pelos estudos de gênero, é uma aprendizagem social e cultural por muitos séculos imposta pelo Patriarcado. Se a mulher ocidental foi mistificada após a Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial, sendo considerada fundamentalmente como mãe e esposa e censurada de qualquer componente heroico, um processo parecido teve lugar na Itália pós unitária. Acredita-se serem básicas para qualquer leitura crítica de textos patriarcais do passado, sobre a vida das mulheres, as fundamentais referências: BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; SCOTT, J. W., *Gênero: uma categoria útil de análise*. Recife: SOS Corpo, 1991; FRIEDMAN, Betty. *La mistica della femminilità*. Milano: Edizioni di Comunità, 1976.

É provável que a presença das mulheres na carbonária não fosse tão difundida, mas também não muito excepcional. Era uma figura real, esta das mulheres combatentes, segundo algumas crônicas, que “teve que introduzir a dimensão de uma chance, também, para as patriotas que permaneceram fiéis ao papel doméstico” (GUIDI, 2000, p. 581). Afirmou Camillo Boldoni, resistente em Veneza durante a primeira guerra de Independência contra os austríacos, escrevendo à sua esposa Amalia- “Fico agradecido por não teres vindo: você é sábia” (Lettera in Archivio di Stato di Napoli, Alta polizia, fasc. 44). Entende-se, com essas palavras, que a participação das mulheres nas atividades militares foi pelo menos debatida entre os casais liberais. “Se eu não tivesse Rosa (a filha de oito anos), eu me vestiria como um homem e iria a fazer de soldado” (FILIPPINI, 2006, p. 118), confidenciou, em 1848, a escritora Caterina Francesca Ferrucci ao seu marido, que lutou na Lombardia como voluntário.

O desejo de fazer parte da história era veemente em muitas mulheres, e muitas o realizaram, também, à custa da vida, se escondendo atrás de um uniforme e quebrando a barreira do espaço doméstico ao qual estavam *relegadas*. Laura Guidi escreve: “vestindo a roupa dos homens, as mulheres depõem o papel doméstico e com isso a exclusão da vida militar e política”. Margaret Nardini acusou: “a saia tola que me ata e me impede empunhar a espada pela liberdade”. Em alguns casos, vestiram-se como homens, “não com a intenção de mascarar a feminilidade, mas, mais radicalmente, para afirmar a participação, sendo mulher, nos espaços e nas “atividades masculinas” (GUIDI, 2000, p. 583). No século da “mulher anjo”, a mulher reivindicou espaços de participação social e cívica. E uma espingarda.

A mais famosa heroína do “Risorgimento Italiano” é certamente Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi, com o sobrenome do homem que ela conheceu em 1839. Foi sua amante, esposa, mãe de quatro filhos e parceira de batalha. Sendo Anita tão famosa, poderíamos cair no erro de achar não ter “nada de novo a dizer” sobre a sua figura, cantada e narrada muitas vezes neste século e meio

de história italiana. Não obstante, ou se calhar também por essa razão, Ana Maria de Jesus Ribeiro é a figura histórica mais difícil de “limpar”, por ter, na sua reputação, um alto teor de manipulação patriarcal. E, por isso, é ainda a mais necessitada de uma realocação histórica adequada. Ofuscada pela fama de seu marido, Anita dedicou sua vida à liberdade e à independência dos povos. Para evitar deixar sozinho o patriota italiano, disseram os biógrafos, ou talvez mais simplesmente por sua forte crença ideológica, “disfarçou-se” de homem, cortou o cabelo, vestiu o uniforme e lutou contra o inimigo até o final. Provada pelos combates e enfraquecida pela quinta gravidez, deu o último suspiro nos braços de seu marido. Uma morte heroica e romântica imortalizada na iconografia, que entrou no imaginário coletivo, que quer uma Anita “sacrificada” pela pátria: branca e indefesa, morrendo nos braços de um marido forte, orgulhoso e carinhoso.



Giuseppe Garibaldi and Leggero carry a dying Anita (Pietro Bouvier, 1864).
 À direita, *Garibaldi foge do São Marino com Anita moribunda*
 (Anônimo, XIX sec.).

A vida de Ana Maria de Jesus Ribeiro, no entanto, vai muito além da esposa leal e respeitosa. A retórica italiana pós Ressurgimento apenas admite que “teve um grande papel na vida do herói de dois mundos, que quis acompanhar o marido nos campos de batalha, curar-lhe as feridas, e foi sempre cheia de conforto e de ajuda” (ANGELONI, 1911, p. 17). Mas Anita transgrediu repetidamente os padrões morais do seu tempo. Muito longe de ser uma esposa submissa, tomou parte nas batalhas “por sua

própria iniciativa, muitas vezes contra a vontade de seu marido” (GUIDI, 2000, p. 584).

1. A Vida de Anita

Nascida no dia 30 de agosto de 1821 no Brasil, em Morrinhos, no Estado de Santa Catarina, descendente de portugueses imigrados dos Açores à província de Santa Catarina no século XVIII, provinha de uma família modesta. Ana, filha de pastores, não teve uma juventude fácil e teve que lidar com a morte prematura de seu pai e com a difícil vida duma família numerosa. Parece que a família teve que fugir de Morrinho para a capital Laguna, para escapar da vingança de um carroceiro: quando Ana tinha treze anos rejeitou os galanteios de um homem, o qual, diante da recusa, tentou apagar o charuto no rosto de Anita.

Cedo ela teve que ajudar no sustento familiar e, forçada pela família, casou-se, em 30 de agosto de 1835, aos 14 anos, com Manuel Duarte de Aguiar, na Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos da Laguna. Depois de somente três anos de matrimônio, o marido, um sapateiro preguiçoso e sempre bêbado, alistou-se no exército imperial, abandonando a jovem esposa. Ana tornou-se “Anita”, com dezenove anos, em um daqueles dias em que ia até a praia para desfrutar de um momento de paz. Ali, provavelmente, de um barco ancorado, era observada por Giuseppe Garibaldi.

No Brasil, aqueles eram tempos agitados e Laguna tinha sido tomada pelos “Farrapos”, revolucionários que se tinham revoltado contra o imperador Pedro II e proclamado a República do Rio Grande. Entre esses guerrilheiros, havia um pequeno grupo de exilados italianos que tinham lutado em seu país contra o domínio austríaco, e agora ficavam ali, dirigidos por um general loiro que tinha cruzado o Atlântico para escapar de uma sentença de morte.

Em 20 de outubro de 1839, Anita decide seguir Garibaldi, subindo a bordo de seu navio para uma expedição militar. Em Imbituba, recebeu o batismo de fogo, quando a expedição corsária foi atacada pela marinha

imperial do Brasil. Dias depois, em 15 de novembro, Anita confirma sua coragem sem fim e seu amor heroico a Garibaldi, na famosa batalha naval de Laguna, contra Frederico Mariath, na qual se expõe a grande risco de morte, atravessando uma dúzia de vezes a bordo da pequena lancha de combate para trazer munições em meio a uma verdadeira carnificina. Anita também combateu ao lado de Garibaldi em Santa Vitória. Ana e Giuseppe ficaram juntos pelo resto da vida de Anita. Ela seguiu Garibaldi em seus combates em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai (Montevidéu) e nas guerras de independência italiana até morrer no dia 4 de agosto de 1849, fugindo da perseguição de três exércitos (franceses, espanhóis e napolitanos). Mesmo grávida do 5º filho, ela enfrentou tudo até o fim.

2. Por que na Itália Há outra “Imagem” de Anita?

Nas suas memórias, recolhidas pelo amigo Alexandre Dumas, Garibaldi lembra como, antes do encontro com Ana, sentia-se abatido pela morte dos companheiros mais íntimos e tinha a “necessidade”, nunca tida antes na sua vida de aventureiro, de “possuir uma esposa”. Na “necessidade” de Garibaldi, se reflete, infelizmente, o papel que o século tinha designado à mulher:

Então, eu precisava de uma mulher (...). Só uma mulher podia-me curar. Uma mulher, que é o único refúgio, o único anjo consolador, a estrela da tempestade. Uma mulher é a divindade que nunca se implora em vão, quando se implora com o coração e especialmente quando o se implora no tempo da angústia (DUMAS, 1860, p. 76).

Na prosa do escritor francês, o pensamento de Garibaldi assume uma melodia poética, mas continua a propor os estereótipos do século XIX. Hoje, descrever uma mulher com estas categorias parece, ou deveria parecer, inaceitável. Naquela época, teve que aparecer uma espécie de celebração aos olhos, não somente dos autores, mas também para muitos leitores. Com certeza, neste momento de necessidade, Giuseppe se deparou com Ana: alta, forte, jovem e bonita. A brasileira fascinou tanto Garibaldi

a ponto de induzi-lo a ir a terra para descobrir onde ela morava. Talvez, Garibaldi tenha sido convidado por Duarte a ir à casa de Anita: “encontrei-me com uma pessoa do lugar, que eu já conheci no início dos momentos de nossa chegada – escreve na biografia – e ele convidou-me para tomar café em sua casa” (DUMAS, 1860, P. 77). Garibaldi apresentou-se com um poncho e um sobreiro que contrastava com a imagem de gringo loiro com os olhos azuis e foi imediatamente capturado pelo ardor do caráter de Anita. Difícil de estabelecer se foi uma escapadela romântica ou um verdadeiro sequestro, mas do sapateiro Duarte já não sabemos mais nada e as mesmas memórias sugerem que foi morto pelo patriota italiano. Em realidade, é curioso como a historiografia brasileira afirma que o marido alistou-se no exército imperial, abandonando a jovem esposa, depois de somente três anos de matrimônio.

O capitão, vendo a garota pela primeira vez, mostrou-se como um verdadeiro “macho” italiano, segundo o que conta e que tão orgulhosamente a retórica patriótica-patriarcal quis destacar:

Entramos, e a primeira pessoa que se aproximou era aquela cujo aspecto me tinha feito desembarcar. Era Anita! A mãe de meus filhos! A companhia de minha vida, na boa e na má fortuna. A mulher cuja coragem desejei tantas vezes. Ficamos ambos estáticos e silenciosos, olhando-se reciprocamente, como duas pessoas que não se vissem pela primeira vez e que buscam na aproximação alguma coisa como uma reminiscência. A saudei finalmente e lhe disse: “Tu deves ser minha!”. Eu falava pouco o português, e articulei as provocantes palavras em italiano. Contudo fui magnético na minha insolência. Havia atado um nó, decretado uma sentença que somente a morte poderia desfazer. Eu tinha encontrado um tesouro proibido, mas um tesouro de grande valor (DUMAS, 1860, p. 77).

Em última análise, em uma simples leitura crítica da mesma história aprovada pelo herói italiano, podemos ter todas as informações necessárias para neutralizar a imagem idílica do casal e, especialmente, do amor incondicional que Garibaldi, de acordo com a posteridade, teria reservado à sua musa. Anita e Giuseppe viveram um pouco de tempo na cidade, mas a situação dos republicanos piorou e o mexerico sobre os amantes

forçou-os a mover-se em um dos barcos da frota: o Itaparica, o carro-chefe entre os navios dos rebeldes. Talvez a relação entre os dois fosse tão intensa porque o amor para a Anita estava ligado ao cheiro da pólvora, às músicas de guerra e aos preparativos para o combate. No obstante, há, sem dúvida, uma grande diferença entre a expectativa da guerra e os combates verdadeiros. Por isso, quando Garibaldi viu o navio de guerra “Andorinha” mais perto de sua frota menos equipada, “ordenou” a garota ir à praia e pôr-se ao abrigo. Ana não deu importância às palavras de Giuseppe, deixou o esconderijo e começou a carregar as armas para servir os companheiros soldados, ou para disparar ela mesma no inimigo, ao qual insultava enquanto incitava seus homens à luta. Longe de ser uma “mulher no seu lugar”, a partir desse momento Anita foi sempre a primeira da fila, sem dar importância ao perigo: “ela está de pé na popa do barco, enquanto o inimigo não cessa o fogo” (WHITE MARIO, 1892, p. 67), teve que admitir Garibaldi.

Apesar das dificuldades, um canhão direto ao navio inimigo forçou sua retirada. No entanto, foi uma vitória de curta duração. As forças imperiais eram muito poderosas e reprimiram os *farrapos*, obrigados a cair no mato, alternando combates com os retiros estratégicos na floresta. Anita já estava grávida quando, em um desses conflitos, foi presa pelas tropas imperiais, no início do 1840, após a Batalha de Curitiba. O comandante do exército imperial, admirado por seu temperamento indômito, convenceu-se a deixá-la procurar o cadáver do marido, supostamente morto na batalha. Em um instante de distração dos guardas, tomou um cavalo e fugiu. Perseguiram-na. Acreditaram-na morta quando a viram saltar bravamente de um penhasco íngreme num rio. Encontrada quase morta por um grupo de agricultores, Anita readquiriu forças ao beber alguns cafés. Depois de atravessar a nado com o cavalo o rio Canoas, chegou ao Rio Grande do Sul e encontrou-se com Garibaldi, em Vacaria, oito dias depois.

No dia 16 de setembro de 1840, nasceu, no estado do Rio Grande do Sul, na então vila e atual cidade de Mostardas, o primeiro filho do casal,

que recebeu o nome de Menotti Garibaldi, em homenagem ao patriota italiano Ciro Menotti, o qual foi amamentado nas montanhas. Doze dias depois, o exército imperial, comandado por Francisco Pedro de Abreu, cercou a casa para prender o casal. Anita fugiu a cavalo com o recém-nascido nos braços e alcançou um bosque nos arredores da cidade, onde ficou escondida por quatro dias, até que Garibaldi a encontrou. Ana e Giuseppe finalmente conseguiram encontrar refúgio em Montevidéu. No Uruguai, as únicas batalhas eram aquelas entre os dois jovens amantes-- diz-se que Giuseppe costumava cumprir os estereótipos do mulherengo italiano: o de ser recebido na casa mais de uma vez por Anita com duas armas, uma para matá-lo e outra para liquidar a eventual outra mulher. No entanto, Garibaldi amou (assim ele disse) sua companheira, admirando (isso, sem dúvida) o valor e a coragem dela. Essas qualidades da esposa, ele nunca renunciou. Foi durante a estadia uruguaia, no 26 de março de 1842, que se casaram. De acordo com as memórias do general, Garibaldi teve de declarar formalmente ter certa a notícia da morte do ex-marido de Anita. Eles tiveram outros três filhos: Rosita (1843), que morreu com dois anos, Teresita (1845) e Ricciotti (1847). Em 1848, com a notícia das primeiras revoluções europeias, Anita embarcou com seus filhos para Nice, onde foi acolhida pela sogra. Seu marido se juntou a ela alguns meses depois para, em seguida, juntos partirem, quando a guerra eclodiu na Itália e o governo piemontês pediu-lhe ajuda contra os austríacos na primeira guerra de independência.

Assim, o “garibaldino” Hoffstetteren destacou a combinação única de feminilidade e ousadia na Anita depois de vê-la em ação: “28 anos, uma pele muito escura, com traços interessantes e um corpo delicado, mas à primeira vista poder-se-ia ver nela uma Amazona” (WHITE MARIO, 1892, p. 252). No dia 9 de fevereiro de 1849, a heroína estava presente em Roma com o marido para a proclamação da República Romana, mas a invasão franco austríaca da cidade, após a batalha do Gianicolo, obrigou-os a abandonar a cidade. Com 3900 soldados, Garibaldi e Ana deixaram Roma para escapar da perseguição dos exércitos de França e Espanha.

No norte, também o exército austríaco estava esperando o casal: a diferença entre as forças era evidente. Apesar da gravidez, Anita enfrentou seu destino lutando até o fim, mesmo grávida de 5 meses, escondida como podia, embaixo do uniforme. Fugindo para o norte com o exército francês, tendo o Papa e o exército espanhol perseguindo-os, os dois fizeram uma parada na pequena república de São Marino, onde foram recebidos como heróis. Aqui, pelo menos, eles estavam a salvo, e poderiam ter aceitado a condução segura do embaixador dos EUA. Mas, como o plano era chegar à cidade de Ravenna, a indomável brasileira recusou-se a deixar o marido. Fora dos muros de São Marino, começou outra vez a fuga, porque lutar teria significado uma morte certa.

Nos vales de Comacchio, consumou-se a tragédia: os partidários espalharam-se por diferentes estradas para escapar da polícia, do Papa, dos austríacos e calota. Garibaldi ficou sozinho com o fiel Capitão Leggero e Ana, que sofreu um agravamento de sua condição. Agravada pela febre alta, perdeu a consciência e foi transportada para a fazenda dos Guiccioli, em Mandriole, perto de Ravenna. Aqui desesperadamente tentaram rastrear um médico. Este, ao chegar, apenas declarou a morte da jovem: era o 4 de agosto de 1849 e Anita ainda não tinha 28 anos, 11 dos quais passou ao lado do marido. Anita morreu nos braços de Garibaldi, sendo “esta a imagem que a iconografia patriótica preferiu passar: o sacrifício de Anita” (GUIDI, 2000, p. 585). Sua vida foi, sem dúvida, consagrada à história: levam seu nome lugares, cidades (no Brasil... *não na Itália...*), ruas e monumentos em todo o mundo. Continua a ser uma legítima dúvida, melhor seria dizer certeza, que mais do que coragem, quiseram destacar nela, com efeitos no imaginário coletivo, a dedicação ao marido. Isso obviamente foi mais evidente na Itália.

A imagem da guerrilheira brasileira, se no seu país natal foi mais livre da vinculação com o general, em Itália foi “falsamente” celebrada com categorias funcionais a uma retórica patriarcal: exemplo de esposa e mãe, desnudada (como todas as patriotas do Ressurgimento) de suas características militares. Somente na última década, Ana Ribeiro está

recuperando, progressivamente, uma reputação diferente, por meio de alguns livros publicados com o entusiasmo do 150º aniversário da unificação. Mas no imaginário coletivo italiano, Ana Ribeiro ficou gravada ainda na versão estereotipada: mãe, esposa, fiel, frágil, sobretudo considerando alguns produtos culturais mais populares como a minissérie televisiva da Rai (a televisão pública italiana), de 2012, dirigida por Claudio Bonivento com Valeria Solarino (Ana) e Giorgio Pasotti (Garibaldi). Em três horas de filme, não vemos em nenhum momento Anita disparar ou contribuir nos combates, mas somente cuidar dos feridos e chorar os mortos. Mãe carinhosa, ciumenta com o marido, é figura secundária, aparece depois do marido, na miniserie italiana, também, incrivelmente, numa série televisiva que leva seu nome.

Não foi esposa ideal, nem protótipo da mulher do século XIX, nem aquela imagem que ainda é representada em Roma, com uma arma na mão, na estátua equestre colossal na colina do Gianicolo, em um dos poucos monumentos “realmente comemorativos” de Ana Maria de Jesus Ribeiro.



Monumento funerário (em 1932, o corpo foi finalmente sepultado aqui) em homenagem a Ana Maria de Jesus Ribeiro, no Janículo em Roma.

O escultor Mario Rutelli retratou a fuga de Mostardas.

REFERÊNCIAS

ARCHIVIO DI STATO DI NAPOLI, Alta polizia, fasc. 44.

ANGELONI, V., *Le donne nel Risorgimento italiano*. Venezia: Emporio, 1911.

BARBIERA, R., *Italiane gloriose*. Milano: Vallardi, 1923.

BEAUVOIR, Simone, *O segundo sexo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERTI, D., *Le donne italiane nel risorgimento*, Torino, 1892.

COSCO, S. *Las patriotas italianas. Cómo el sistema patriótico-patriarcal olvidó a sus heroínas*. In: *Atas do X Congresso Internacional Ausencias: escritoras en los margenes de la cultura / organizado pelo Grupo de Pesquisa Escritoras y Escrituras*, celebrado na Uned de Madrid, 24-26 de outubro de 2013, p. 295-309.

COSCO, S., *Femminismo e brigantaggio: lo sguardo differente di Maria Rosa Cutrufelli*. **Revista** online do Grupo de Pesquisa *Escrituras y Escritoras*.2012 (ISBN 1885-3625).Disponível em: <http://www.escritorasyescrituras.com/revista.php/12/149?PHPSESSID=14b7592a88cee963f7cefab3b241af50>.

COSCO, S., *Il brigantaggio e la religiosità: culto mariano e sacerdozio femminile all'interno delle bande*. In; *Las voces de las diosas*. Sevilha: Arcibel, 2012, p. 419-434.

DA FORIO, G., *Vita di Garibaldi*. Napoli: Perrotti, 1870.

DE GIORGIO, M., *Le italiane dall'Unità a oggi. Modelli culturali e comportamenti sociali*. Roma-Bari: Laterza, 1992.

DUMAS, A., *Le memorie di Garibaldi*. Milano: Sonzogno, 1860.

FILIPPINI, N. M., *Donne sulla scena pubblica: società e politica in Veneto tra Sette e Ottocento*. Milano: Franco Angeli, 2006.

FOGLI, A., GIULIANI, I., *Anita Garibaldi-vita e morte*. Mandriole-Ravenna: Marcabò, 2001.

FRIEDMAN, Betty, *La mística della femminilità*. Milano: Edizioni di Comunità, 1976.

FRONTANI, A., PASQUINELLI, C., *Garibaldi innamorato*. Firenze: Polistampa, 2009.

GIOVANNINI MAGONIO, G., *Italiane benemerite del Risorgimento Nazionale*. Milano: Cogliati, 1907.

GUIDETTI, G., *Epistolario di Caterina Franceschi Ferrucci edito ora la prima volta, con lettere di scrittori illustri a lei*. Reggio Emilia: Guidetti, 1910.

MACAULAY TREVELYAN, G., *Garibaldi e la difesa della repubblica romana*. Bologna, 1907.

MARKUN, P., *Anita Garibaldi: uma heroína brasileira*. 5ª edição. São Paulo: Senac, 2003.

MODENA, C., *Giuseppe e Anita Garibaldi - una storia d'amore e di battaglie*. Editori Riuniti, Biblioteca di Storia, maio 2007.

GUIDI, L., "Patriottismo femminile e travestimenti sulla scena risorgimentale", *Studi storici*, 2, p. 571-587, 2000.

ROCCELLA, E., SCARAFFIA, L., *Italiane*. Roma: Dipartimento per l'informazione e l'editoria, 2004.

SIERRA, J., *Anita Garibaldi: Guerrillera en América del Sur, heroína de la unidad italiana*. Buenos Aires: Editorial Suramericana, 2003.

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise*, Recife: SOS Corpo, 1991.

WHITE MARIO, J., *Garibaldi e i suoi tempi*. Milano: Treves, 1892.

FILMOGRAFIA

ANITA Garibaldi. Minissérie televisiva dirigida por Claudio Bonivento com Valeria Solarino (Ana) e Giorgio Pasotti (Garibaldi). RAI (televisão pública italiana), 2012.